

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ESCOLA DE ENFERMAGEM AURORA DE AFONSO COSTA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE: FORMAÇÃO DOCENTE
INTERDISCIPLINAR PARA O SUS

TÍTULO: RODAS DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE SOBRE ATIVIDADES DE PRODUÇÃO DE AUTONOMIA NOS CAPS

Linha de Pesquisa: Educação Permanente em Saúde

RESUMO

Este produto é oriundo da pesquisa de mestrado intitulada: “Caminhos para Produção de Autonomia nos CAPS: uma revisão de escopo”. A escolha por esse estudo está fundamentada na importância das atividades oferecida nos Caps promover um cuidado menos tutelado, favorecendo a participação ativa dos sujeitos e a tomada de decisões. Neste estudo, foi realizada uma revisão de escopo que visou relacionar os resultados da pesquisa na literatura sobre a promoção da autonomia nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) com as atividades oferecidas por esses serviços. A metodologia de revisão de escopo adotada para este estudo seguiu as diretrizes estabelecidas pelo Joanna Briggs Institute (JBI). Com objetivo geral de investigar as atividades desenvolvidas no contexto do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e seus potenciais benefícios para os usuários, com foco no fortalecimento da sua autonomia. O produto nasce da necessidade de criar dispositivos de Educação Permanente em Saúde que permitam as equipes refletirem sobre um conceito no CAPS. A proposta reconhece que promover autonomia nos CAPS exige mais do que a oferta de atividades estruturadas ou infraestrutura adequada: requer um investimento contínuo nos profissionais, em suas práticas e na forma como se relacionam com os usuários. Assim, por meio de rodas de conversa espera-se apresentar espaços dialógicos e horizontais que estimulam o protagonismo dos trabalhadores e a revisão crítica do cuidado psicossocial, favorecendo a corresponsabilidade e o fortalecimento dos vínculos. Acredita-se que as rodas de EPS contribuam para qualificar o cuidado em saúde mental, fortalecer a prática interdisciplinar e promover a autonomia dos usuários, reafirmando o compromisso dos CAPS com os princípios da Reforma Psiquiátrica e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Palavras-chave: Educação Permanente em Saúde; Autonomia; CAPS; Saúde Mental; Rodas de Conversa.

INTRUDUÇÃO

O ato de cuidar em saúde é uma interação que envolve o relacionamento entre as pessoas, não apenas dos profissionais de saúde, mas também dos usuários e suas famílias (Merhy, 2002). É essencial que os profissionais de saúde articulem a capacidade de realizar procedimentos com a habilidade de oferecer cuidado. Eles devem ser qualificados para planejar sua atuação de forma direcionada e comprometida com as necessidades do usuário.

Ayres (2001) destaca que a baixa eficácia das ações em saúde é amplamente atribuída às dificuldades na criação de diálogos entre profissionais e usuários. Os saberes técnico-científicos muitas vezes assumem uma centralidade que exclui outras formas de comunicação entre os atores envolvidos na assistência. Isso resulta em trabalhadores que se mostram distantes das necessidades singulares dos usuários e de seus sofrimentos, ao mesmo tempo em que se sentem impotentes diante das demandas que lhes são apresentadas.

Escute e seja escutado. Escutar como um cuidado consigo mesmo. Cuidar de si como cuidar do outro (e permitir-se ser transformado pelo outro). Este tipo de autocuidado difere do autoconhecimento. Busca-se uma escuta que realmente compreenda e se conecte com o outro: sua subjetividade, sua construção da verdade, sua interpretação do mundo e da vida, e sua percepção de si mesmo. Não se trata apenas de ouvir palavras e gestos que possam se enquadrar em teorias predefinidas ou conhecimentos existentes, mas de ouvir de forma profunda, sentir e vivenciar essa escuta. Isso se realiza através da educação permanente em saúde, que estimula essa prática contínua de escuta (Luciano; Ceccim, 2022).

Atualmente, um dos principais desafios enfrentados pelo CAPS é justamente a necessidade de promover uma articulação eficaz entre diferentes setores e a sociedade, com o objetivo de reintegrar o indivíduo que sofre com transtornos mentais e sua família à vida comunitária. Isso requer a implementação de ações e espaços mais abrangentes e bem estruturados em diversos territórios.

É evidente que simplesmente construir uma infraestrutura distinta dos manicômios, com uma gama de atividades em grupo e implementar mudanças legislativas no campo da saúde mental não é suficiente. É necessário investir nos profissionais de

saúde que passaram da lógica manicomial para uma nova abordagem baseada na assistência e cuidados comunitários.

Este produto educacional apresenta uma proposta de Rodas de Conversa de Educação Permanente em Saúde (EPS) voltadas a equipes de CAPS, com o objetivo de refletir e fortalecer as práticas cotidianas que promovam a autonomia dos usuários.

A EPS constitui uma estratégia para o fortalecimento do SUS, na medida em que propõe a aprendizagem no próprio cotidiano de trabalho, com base na problematização da prática. Nesse contexto, as rodas de conversa emergem como um dispositivo pedagógico que favorece o diálogo, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento entre os profissionais de saúde.

Ao refletirmos sobre as bases teóricas que sustentam essa prática, é importante ressaltar a contribuição do educador Paulo Freire, cuja pedagogia crítica propõe uma educação dialógica, participativa e comprometida com a transformação da realidade.

As rodas de conversa, quando organizadas sob a perspectiva freiriana, deixam de ser apenas um espaço de fala para se tornarem verdadeiros espaços de conscientização e emancipação. Ao romper com a lógica da educação bancária e verticalizada, elas promovem uma aprendizagem significativa, vinculada às necessidades reais dos trabalhadores e usuários do SUS.

As iniciativas de educação permanente devem ser constantes nos serviços de saúde, contribuindo para a capacitação de profissionais mais competentes para suas funções no SUS. A EPS é uma abordagem que estimula a reflexão sobre as práticas de trabalho, levando os profissionais a reconsiderarem suas condutas, buscando aprimorar o atendimento e promover uma maior colaboração entre a equipe. Este tipo de prática visa a aquisição, o aprofundamento e a manutenção dos conhecimentos, além da constante revisão das técnicas, atitudes e posturas adotadas pelos profissionais. Dessa forma, espera-se que, por meio dessa estratégia, os profissionais consigam aprimorar suas práticas, melhorar a qualidade do atendimento e, conseqüentemente, gerar impactos positivos e maior satisfação dos usuários do serviço.

Essas atividades de EPS visam estimular a reflexão e a aprendizagem no dia-a-dia dos profissionais do serviço, utilizando a abordagem dialógica, a problematização da realidade e a construção colaborativa e criativa de soluções pelo grupo. O objetivo das rodas de conversa é promover o aprimoramento das práticas de saúde de acordo com os princípios e diretrizes da RAPS no SUS.

Neste sentido, acreditamos que promover a Educação Permanente pensando em construir espaços que estimulem a reflexão crítica e ações de fortalecimento da autonomia dos usuários do Caps, por meio de discussões em grupo sobre os diferentes conceitos de autonomia discutidos pela pesquisa. Para isso, o método escolhido como espaço de EPS são as Rodas de Conversa, por entendermos que essa metodologia favorece a troca de saberes, a escuta ativa e a construção coletiva de conhecimento.

Dessa forma, entendemos que as rodas de conversa possibilitam uma construção coletiva, onde ideias e conceitos são formulados e reformulados a partir da escuta mútua e do diálogo tanto com os outros quanto consigo mesmo. Ao refletirmos sobre como utilizar e conduzir essa ferramenta, é fundamental reconhecer que o diálogo estabelecido é fruto da interação entre pessoas com trajetórias de vida distintas, com modos singulares de pensar, sentir e se expressar. Por isso, as conversas que emergem desses encontros não seguem uma lógica única, mas se constituem na diversidade dos saberes e experiências compartilhadas (Moura; Lima, 2014).

A Roda não deve ser entendida como uma técnica a ser aplicada de forma mecânica, desconsiderando a sensibilidade, o engajamento das pessoas e o entusiasmo pelo compartilhamento de saberes. Tampouco é algo recente. Práticas comunitárias e ações coletivas de diferentes origens já adotam formas semelhantes há muito tempo (Warschauer, 2014).

A educação realizada em rodas configura-se como uma escolha intencional, pois o processo educativo, quando situado no contexto real dos participantes, promove o envolvimento de sujeitos conscientes de seus direitos, comprometidos com o conhecimento e com a transformação da realidade. Sob a perspectiva da complexidade, a roda de conversa atua como um elo entre temas que, à primeira vista, podem parecer desconectados, permitindo que tanto as partes quanto o todo sejam compreendidos como expressões de um mesmo fenômeno – um fenômeno marcado por contradições, por sua dureza e, ao mesmo tempo, por seu potencial utópico: os determinantes sociais e a realidade que se pretende (re)construir (Sampaio et al., 2014).

As rodas de conversa favorecem encontros pautados pelo diálogo, abrindo espaço para a construção e ressignificação de sentidos e saberes a partir das vivências dos participantes. Essa metodologia foi escolhida justamente por promover a horizontalidade nas relações de poder. Os sujeitos envolvidos se colocam de forma ativa e crítica, como protagonistas históricos e sociais, engajados na reflexão sobre a realidade que os cerca. Nessa dinâmica, a fala passa a ocupar o centro, sendo valorizada como portadora de

valores, culturas, práticas, normas e discursos. Assim, dentro da roda, a fala é entendida como manifestação dos modos de vida dos participantes. Portanto, um círculo de cultura não se propõe a transmitir fórmulas prontas ou regras de comportamento social, mas sim a promover a reflexão crítica sobre os desafios que atravessam as práticas sociais (Sampaio et al., 2014).

Dessa forma, as rodas de conversa se afirmam como um potente dispositivo educativo e transformador, capaz de acolher a diversidade de vozes e promover a escuta sensível e o pensamento crítico. Ao deslocar o foco da transmissão de saber para a construção coletiva do conhecimento, fortalecem-se os vínculos, o reconhecimento das subjetividades e a valorização das experiências vividas. Nesse ambiente dialógico, a aprendizagem se torna um processo compartilhado, em que todos ensinam e aprendem, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes, autônomos e implicados na transformação de sua realidade social.

OBJETIVO GERAL

Propor rodas de conversa para trabalhadores de CAPS com foco na discussão do conceito de autonomia, visando corroborar para potenciais ganhos de autonomia dos usuários.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estimular a reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas no cotidiano dos CAPS;
- Identificar atividades que potencializam a autonomia no cuidado;
- Promover a troca de experiências e a construção coletiva de saberes sobre autonomia.

JUSTIFICATIVA

A produção da autonomia dos usuários é um dos princípios da atenção psicossocial. O CAPS o dispositivo central da RAPS, ofertando acompanhamento psicossocial alinhado aos princípios norteadores sistematizados para a promoção da reintegração social dos usuários planejados para o desenvolvimento do exercício dos atos de cidadania, de forma propositiva, autônoma e direcionada para a sua participação na relação trabalho/renda, práticas de bem-estar e fortalecimento das inter-relações sociais, familiares e comunitárias (Brasil, 2004, p. 13).

Considerando as propostas da Reforma Psiquiátrica e a importância da efetivação e aprimoramento dos serviços substitutivos aos manicômios, nesse contexto os CAPS, esta proposta sugere dialogar com os profissionais atuantes no serviço sobre as atividades oferecidas como ferramentas que podem ser incorporadas como recurso de promoção de cuidado e produção de autonomia dos usuários do serviço.

Para a realização da interação com os profissionais do serviço, pretendemos oferecer como espaços de educação permanente em saúde por meio da metodologia de rodas de conversa. Essa abordagem não apenas possibilitará a troca de experiências e reflexões entre os profissionais, mas também contribuirá como um instrumento de diálogo e aprendizagem para os profissionais envolvidos.

Assim, este produto nasce da necessidade de criar dispositivos de EPS que permitam a equipe refletir sobre um conceito no CAPS, que é a autonomia. As rodas de conversa, enquanto metodologia horizontal e dialógica, favorecem o reconhecimento coletivo dessas práticas e o fortalecimento do trabalho em equipe.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

As rodas de conversa transcendem a simples disposição física circular dos participantes e vão muito além de uma avaliação custo-benefício para o trabalho com grupos. Elas representam uma postura ético-política em relação à produção do conhecimento e à transformação social, materializando-se através das interações entre os sujeitos. O ambiente da roda de conversa busca fomentar a criação de novas perspectivas que surgem no processo contínuo de observar, refletir, agir e modificar, permitindo que os participantes se reconheçam como agentes de sua própria ação e de sua capacidade de se tornarem mais do que são (Sampaio et al., 2014).

Moura e Lima (2014) ressaltam a utilização das rodas de conversa para a geração de narrativas entre os participantes. Eles destacam a criação de um espaço favorável à escuta, ao diálogo e à singularidade das experiências compartilhadas. As rodas de conversa também são reconhecidas por sua capacidade de gerar narrativas singulares e/ou coletivas. Assim, os relatos compartilhados durante as discussões são não apenas coletados para avaliações ou informações, mas também para identificar conteúdos e fornecer suporte para análises sobre inserções sociais, experiências de práticas específicas e vivências subjetivas em determinados temas (Moura e Lima 2014).

As rodas de conversa foram propostas como produto pelo baixo custo e relevância metodológica frente ao processo de desenvolvimento das atividades oferecidas

pelos CAPS, necessárias ao processo de avanços, identificação dos retrocessos e direções a serem debatidas, a propósito da busca pelo contínuo aprimoramento e fortalecimento de práticas de cuidado na saúde mental.

As rodas de conversa deverão ser divulgadas com antecedência para garantir a participação dos profissionais. Cada roda terá uma duração média de 40 a 60 minutos e será conduzida com base nos temas relevantes, considerando os desafios e as estratégias de melhoria das atividades oferecidas pelo serviço com vistas ao fortalecimento da autonomia de seus usuários.

O primeiro passo na realização das rodas de conversa será a apresentação da proposta de um espaço de educação permanente, destacando a relevância da temática e a importância de entender como as atividades realizadas nos CAPS podem contribuir para a produção da autonomia dos usuários.

O objetivo geral estará em apresentar aos profissionais do CAPS, noções, conceitos concernentes à autonomia mapeados na Revisão de Escopo e propor uma discussão sobre como o CAPS tem implementado práticas que contribuem para a produção de autonomia dos usuários. Problematicar se as oficinas construídas no caps aumentam ou diminuem a autonomia do usuário no andar a vida. O ambiente das rodas de conversa deverá ser propício para que os participantes se sintam à vontade para expressar suas ideias e reflexões de forma espontânea, estimulando a reflexão e o compartilhamento de experiências e estratégias de enfrentamento, que promova o aprofundamento do conhecimento prático diante da realização das atividades ofertadas, com vistas ao desenvolvimento do autocuidado e da autonomia dos usuários.

APLICAÇÃO

A proposta pode ser implementada em:

- Todas as modalidades de CAPS para atendimento de adultos;
- Processos de formação em serviço;
- Grupos de supervisão ou reuniões de equipe;
- Oficinas em congressos ou seminários de saúde mental.

PÚBLICO-ALVO

O público-alvo deste produto são profissionais que integram equipes multiprofissionais dos CAPS, coordenadores e gestores que atuam diretamente nestes serviços e no cuidado às pessoas em sofrimento psíquico e com transtorno mental.

AVALIAÇÃO

A avaliação das rodas de conversa pelos profissionais participantes não é apenas uma etapa final do processo, é parte integrante da lógica da EPS, que valoriza o diálogo, a escuta ativa e a construção coletiva do saber. Avaliar nesse contexto significa refletir sobre o processo vivido, identificar sentidos produzidos, reconhecer impactos e, principalmente, reorientar as práticas com base na experiência real dos sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES

Este produto propõe uma metodologia simples, acessível e potente para fortalecer os processos de cuidado nos CAPS. Por meio das rodas de EPS, busca-se valorizar a escuta, a experiência do trabalhador e o cotidiano como lugar legítimo de produção de conhecimento. Ao refletir sobre as práticas que produzem autonomia, é possível ressignificar o fazer em saúde mental e fortalecer a rede psicossocial.

As ações de educação permanente devem ser constantes nos serviços de saúde, contribuindo desta maneira para a qualificação de profissionais para o exercício de suas funções no SUS.

A EPS é uma estratégia que induz a reflexão das práticas do trabalho, faz com que os profissionais repensem suas condutas, busquem a melhor do atendimento e proporciona uma maior interação entre a equipe. Essa prática formativa deve proporcionar aquisição, enriquecimento e manutenção dos conhecimentos, bem como constante observação das técnicas, atitudes e posturas apreendidas pelos profissionais. Sendo assim, espera-se que, através dessa estratégia, os profissionais sejam capazes de qualificar suas práticas no trabalho, melhorar a qualidade do atendimento e, com isso, ocasionar reflexos positivos nos processos de trabalho do serviço.

GUIA PRÁTICO PARA APLICAÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA: PROMOÇÃO DA AUTONOMIA NOS CAPSS

Eixo Central do Produto:

“Como produzir autonomia no cotidiano dos CAPS a partir das práticas dos trabalhadores?”

As rodas foram pensadas como espaços de EPS voltados à reflexão crítica das práticas profissionais que favorecem (ou não) a autonomia dos usuários. A autonomia é entendida como a capacidade de decisão, participação ativa no cuidado e construção de vida com sentido próprio, alinhada à Reforma Psiquiátrica e à RAPS.

Formato Geral das Rodas

Duração: 40 a 60 minutos

Frequência: Semanal ou quinzenal

Público-alvo: Profissionais da equipe multiprofissional dos CAPS

Metodologia: Roda de conversa dialógica, horizontal e participativa

Facilitador(a): Integrante da equipe ou convidado com familiaridade com a temática

Estrutura de Cada Encontro

1. Acolhida e ambientação
2. Disparo temático e discussão da pergunta norteadora
3. Síntese coletiva e encaminhamentos

Fichas de Aplicação das Rodas de Conversa

Ficha 1: O que é Autonomia no CAPS?

Objetivo: Construir compreensão coletiva sobre o conceito de autonomia.

Conceito Central: Capacidade de decisão, protagonismo e reconhecimento como sujeito de direitos.

Duração: 40 a 60 minutos

Material: Texto breve ou citação sobre autonomia; cartaz e canetas.

1. Pergunta Norteadora:

Como a equipe poderia conceituar autonomia?

Ficha 2: Práticas que Promovem Autonomia

Objetivo: Mapear ações cotidianas que favorecem autonomia.

Conceito Central: A rotina dos CAPS pode ser emancipatória com acolhimento, vínculo e corresponsabilidade.

Duração: 40 a 60 minutos

Material: Lista de atividades do CAPS; papéis para anotações.

2. Pergunta Norteadora:

Sobre as atividades que são feitas no caps, em que medida essas ações produzem autonomia?

Ficha 3: Autonomia e Estigma

Objetivo: Refletir sobre como o estigma limita a autonomia.

Conceito Central: Estigmas reduzem a autonomia ao reforçar dependência e baixa expectativa.

Duração: 40 a 60 minutos

Material: Exemplos de relatos de usuários; quadro para registro.

3. Pergunta Norteadoras

Como a sua equipe tem lidado com os estigmas e aumentado o grau de autonomia por meio das atividades do Caps?

Ficha 4: Participação e Cogestão

Objetivo: Promover escuta e protagonismo no planejamento do cuidado.

Conceito Central: Autonomia se constrói com participação ativa e cogestão das atividades.

Duração: 40 a 60 minutos

Material: Formulário de planejamento participativo; marcadores.

4. Pergunta Norteadora:

Os usuários participam das decisões sobre seu cuidado? Em que momentos?

Ficha 5: A Equipe Também Aprende

Objetivo: Valorizar o trabalho coletivo no cuidado emancipador.

Conceito Central: Autonomia exige equipe alinhada, dialogante e corresponsável.

Duração: 40 a 60 minutos

Material: Dinâmica de grupo; papel e canetas.

5. Pergunta Norteadora:

Como o trabalho em equipe contribui para práticas mais autônomas?

REFERÊNCIAS

AYRES, J.R.C.M. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 63-72, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232001000100005> .

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento? Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

LUCIANO, M.P; CECCIM, R.B. Preconceito e desconhecimento no ensino e na atenção:saúde da família a genitorialidade LGBT+. In: FERLA, Alcindo Antônio; FUNGHETTO, Zuleide (Org.). Reflexões sobre formação em saúde: trajetórias e aprendizados no percurso de mudanças. Porto Alegre: Rede Unida, 2022. Disponível em: <<https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Livro-Reflexoes-sobreFormacao-em-Saude-trajetorias-e-aprendizados-no-percurso-de-mudancas>.

MERHY, Emerson Elias. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.

MOURA, ABF; LIMA, M. da GSB A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *Interfaces da Educação*, 2015, v. 15, pp. 24-35. Disponível em: < <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view>.

SAMPAIO, ML; BISPO JÚNIOR, JP. Rede de Atenção Psicossocial: avaliação da estrutura e do processo de articulação do cuidado em saúde mental. *Cadernos de Saúde Pública* , v. 37, n. 3, pág. e00042620, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/N9DzbdSJMnc4W9B4JsBvFZJ/?lang=pt#>. Acesso em: 15 de jun.2024

Sampaio J, Santos GC, Agostini M, Salvador A de S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2014;18:1299–311. Available from: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0264>

WARSCHAUER, Cecília. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. Disponível em: <http://www.rodaeregistro.com.br/pdf/textos_publicados_3_rodas_e_narrativas_caminhos_para_a_autoria.pdf>.

